

**“Se quisermos que tudo fique como está é preciso que tudo mude...”**

**Edgar da Silva Gomes\***

Lampedusa escreveu nos anos 50 do século 20 que “Se quisermos que tudo fique como está é preciso que tudo mude” (LAMPEDUZA, 1959), mudou-se o sistema político brasileiro, mudaram-se alguns atores em cena, mas a força manipuladora do jogo continuava a mesma, pois, uma coisa é ter cargo, outra é governar de fato. Houve sim um estremecimento nas relações políticas entre o Estado, agora republicano, e o catolicismo. No entanto, após a proclamação da república no Brasil pouca coisa mudou na política, as oligarquias regionais continuaram a dar as cartas no jogo político de acordo com seus interesses em cada região, onde loteado desde sua formação na terra da santa cruz, a classe média bastante citada na historiografia como um dos fatores para a queda do antigo regime pouco lucrou com a mudança:

As camadas médias tradicionais viveram mergulhadas, durante toda Primeira República, no universo da ideologia dominante, o que facilitou a aceitação, em linhas gerais, da dominação oligárquica. As raízes desse “empréstimo” ideológico estão na própria situação de dependência familiar, social e econômica em que tais setores viveram com relação aos clãs aristocráticos rurais. Isto é, o liberalismo político e econômico, na forma em que era professado pelas elites rurais, acabou fornecendo as coordenadas do pensamento dos grupos médios e condicionando, desse modo, a sua atuação política [...] uma concepção democrática elitista era absolutamente ineficaz e irrealista na Europa dos fins do século XIX, ela era bastante viável e menos chocante no Brasil agrário e aristocrático dos anos 1889-1930, quando as massas agrárias [...] analfabetas e privadas de direitos políticos, viam-se, contudo, impossibilitadas de superar o estágio de absoluta incultura política, e conseqüentemente, a situação de completa marginalidade com relação ao sistema político [...] Evidentemente, a versão elitista brasileira de democracia liberal mascarava a discriminação sócio-econômica (SAES, 1975:65-66).

---

\* Doutorando do PPGH-PUCSP.

Segundo Décio Saes a classe média no novo sistema político, continuou sendo manipulada pelas oligarquias, pois ela teve sua origem dentro deste sistema e a ele permanecia ligado:

[...] os laços de dependência familiar, social e econômica, bem como a identidade ideológica, forneceram as bases para o nascimento de uma atitude de fidelidade e expectativa positiva das camadas médias urbanas tradicionais para com as situações oligárquicas. Não é por acaso, por exemplo, que os batalhões patrióticos, organizados pela situação paulista para a defesa contra a revolução “tenentista” de 1924, se compunham de um número considerável de profissionais liberais e altos burocratas, de modo geral egressos dos setores tradicionais. (SAES, 1975:67)

No catolicismo neste período (1889-1930), devido aos problemas práticos a serem solucionados houve uma plasticidade na elaboração de seus quadros de comando para atender as diversas situações que aconteciam nos campos político, econômico e social, para isto seria necessário não apenas uma política de doutrinação, a romanização, mais que isso, seria necessária também uma política de acomodação da instituição no novo regime político e para esta política funcionar seria preciso uma estratégia que pudesse conciliar sua doutrina moral com a política oligárquica regional, mas antes de apresentar este arranjo forjado pelo catolicismo precisamos falar do material humano que estava à disposição da igreja para atingir seus objetivos, segundo Miceli:

O perfil social do episcopado brasileiro ao longo da República Velha traduz [...] o empenho na consolidação da máquina organizacional através da imposição de linhas hierárquicas de comando e autoridade e, [...] viabiliza tais metas organizacionais através de sólidas alianças com setores oligárquicos. O intento de atrair ao corpo episcopal filhos de famílias ilustres da classe dirigente [...] uma cota mínima de padres de origem humilde, educados às custas de patrocínio eclesiástico [...] social e politicamente desamparados fora da organização, constituíram os princípios de composição dos altos escalões eclesiásticos que mais pareciam se ajustar às pretensões de influência da Igreja nas circunstâncias da época. Entre esse dois grupos, situavam-se os descendentes de linhagens tradicionais cujas famílias se encontravam em estágio acentuado de declínio social e material e aqueles poucos padres recrutados nas ordens religiosas (MICELI, 1988:81-82).

Outro dado importante fornecido pela pesquisa de Miceli é o da origem regional dos prelados atuantes durante a República Velha:

Quase 50% dos prelados atuantes na República Velha eram originários dos estados nordestinos, seguidos pelos 20% nascidos e educados em Minas Gerais e pelos 14% provenientes de São Paulo, então a mais dinâmica frente de expansão da organização eclesiástica. Essa distribuição reflete o processo histórico de expansão territorial da Igreja Católica no país através da implantação de circunscrições, seminários e casas de formação, sendo ainda indissociável do grau de influência organizacional logrado por alguns líderes do episcopado à frente de suas dioceses por mais de duas ou até três décadas [...] à pujança dos movimentos católicos [...] dividendos materiais e institucionais carregados através de compromissos firmados com círculos oligárquicos (MICELI, 1988:81-82).

Chamarei esta estratégia, da formação do quadro episcopal, de ossatura da estrutura da instituição eclesiástica, uma equipe administrativa capaz de montar e fazer as articulações com os poderes constituídos em cada região do país, este batalhão comandava também, articulados com o baixo clero e a intelectualidade laica, outra frente de batalha para conseguir reaver sua participação na estrutura político-social da república.

Para Gomes, o episcopado tentou em vão persuadir o primeiro governo republicano, chamado de governo provisório, sob o comando do Mal. Deodoro, com uma pastoral coletiva dirigida ao clero e aos fiéis do catolicismo, Lustosa comenta que durante os primeiros anos do regime republicano a igreja mantém uma distância estratégica do poder no Brasil como se estivesse estudando a melhor forma de agir, isso nos mostra que antes de agir a instituição eclesiástica assimila muito lentamente os impactos que lhe atingem. Também em um âmbito mais geral outro historiador, Ivan Manoel afirma que este longo período de “recolhimento” da igreja foi para que ela se reestruturasse internamente.

A igreja “afastada” do jogo político, não se dava por vencida, continuava se articulando, fazendo sua política, a igreja da neocristandade é ainda aquela instituição intrinsecamente ligada às elites com a preocupação exacerbada de se reestruturar politicamente através de conchavos com a parte de cima da pirâmide político-social,

apesar do discurso abrangente, o extrato mais pobre da sociedade serviu sempre como manobra política para demonstrar que ainda merecia crédito, que não estava morta e que não poderia ser descartada por qualquer que seja o regime político, afinal esta instituição duas vezes milenar não sobreviveu a inúmeras turbulências por obra de milagres ou do sobrenatural, esta instituição está acostumada a fazer parte do jogo político.

Esta expansão organizacional do catolicismo precisou respeitar em cada região a política, a economia e a peculiaridade dos atores sociais de cada nova diocese a ser criada. Houve uma “estadualização” do poder eclesiástico durante a república velha, ou para ser mais de acordo com a situação política daquele contexto, o catolicismo também se “federalizou” no território nacional, apesar da autonomia para se adequar a cada situação específica não deixava de pertencer a um eixo normatizador, Roma, sem perder de vista o específico de cada situação trabalhou de forma a implementar uma diretriz reguladora de toda situação para não se perder de vista sua identidade, ou seja, tendo em vista a especificidade em que deveria atuar a hierarquia católica para se ligar novamente ao poder político nos diversos estados brasileiros mantendo se fiel ao projeto romano. Para Miceli,

O dimensionamento das áreas vizinhas de influência em termos de recursos mobilizáveis em favor do patrimônio diocesano também entraram em linha de conta para a definição das prioridades dessa política. O reparte do território paulista e da região sul de minas gerais constituiu, por exemplo, a resposta pronta e lucrativa da hierarquia às frentes de prosperidade impulsionadas pela expansão do café [...] os detentores dos postos de decisão na alta hierarquia concentraram seus esforços e investimentos na área mais próxima de influência [...] é possível identificar duas modalidades básicas de estratégias adotadas pela hierarquia eclesiástica no contexto mais geral da política de “estadualização”. Naqueles estados menos importantes em termos do valor de sua contribuição econômica, demográfica e política, a organização eclesiástica buscou assentar suas possibilidades de expansão e consolidação em alianças explícitas com alguma das facções oligárquicas dominantes. Na Paraíba do norte, no espírito santo, em mato grosso, entre outros, onde a luta política se resumia à competição envolvendo alguns poucos clãs e lideranças de estilo coronelista, os dirigentes eclesiásticos se viram obrigados a sujeitarem suas pretensões expansionistas à proteção

dispensadas pelas lideranças oligárquicas. Essa tendência podia se traduzir numa aliança de prestação de serviços de que se beneficiavam mutuamente a autoridade episcopal e os chefes oligárquicos [...] a outra modalidade de “estadualização” do poder eclesiástico ocorreu nos estados mais desenvolvidos do país. (MICELI, 1988:67-79)

Para organizar o catolicismo no território brasileiro após sua separação formal do Estado o primeiro passo foi alocar em cada diocese existente um prelado que pudesse ter alguma influência política ou flexibilidade no trato com o novo regime, nem sempre esta estratégia foi imediatamente conseguida, por exemplo, na capital federal houve duros embates entre o episcopado para que o bispo, D. Pedro Maria de Lacerda, deixasse seu cargo, algo que só aconteceu depois de sua morte. Tentou-se colocar em cada região um bispo com a “mesma” ideologia política dos dirigentes locais.

Algum tempo depois podemos notar a formação de prelados que era “gente da terra”, vide o caso do Estado do Espírito Santo, onde os políticos mais influentes durante a República Velha a família “Souza Monteiro” e seus agregados dirigiram o Estado tanto na figura dos políticos Jerônimo, promotor público e futuro político que chegou a governar o Estado, quanto de seu irmão Bernardino, também um político militante e adversário da outra força política do Estado a família Muniz Freire. Em 1907 Bernardino já era deputado estadual. O político-eclesiástico da família foi o irmão Fernando que ajudou a fundar o seminário menor de sua congregação no Brasil e mais tarde bispo, contou com a ajuda do erário estadual para as obras da igreja,

Tendo de enfrentar movimentos sociais da magnitude de Joazeiro, Canudos e Contestado, e encontrar soluções viáveis para a manutenção e expansão de suas instituições, os dirigentes eclesiásticos viram seus esforços condicionados quer pela necessidade de acertarem fórmulas de acomodação com as elites oligárquicas, quer pelas diretrizes impostas pela política pontifícia de “romanização” [...] A maioria dos bispos atuantes nesse período se viram envolvidos em conflitos sérios com irmandades leigas e em pendências judiciais com autoridades públicas em torno de questões patrimoniais [...] via de regra, o primeiro passo dos prelados era entabular negociações com os dirigentes, buscando partilhar as principais posições no sistema interno de poder, aquelas de provedor ou tesoureiro, para as quais desejavam indicar nomes de sua confiança. (MICELI, 1988:123-124)

A organização eclesiástica contou com uma grande plasticidade política neste período, mas nem por isso abriu mão de seu projeto romanizador, para isso procurou não entrar em choque com as elites políticas republicanas na tentativa de recuperar sua influência na sociedade que estava se transformando de agrária exportadora para uma sociedade em fase de expansão industrial capitalista, apesar de na primeira república a sociedade agro-exportadora ter dominado praticamente todo o período.

Apesar de neste período as relações da elite eclesiástica ser no tradicional estilo de hierarquia que predominava na época, ou seja, piramidal os bispos não deixaram de lançar mão da ajuda de uma fração importante de leigos intelectuais com pensamento conservador que foram cooptados para as fileiras do catolicismo.

Foi como se houvesse uma “Adaptabilidade do imutável”, para atingir seus objetivos em relação ao estado e a sociedade na república velha, apesar de não lançar mão do projeto romanizador para a sociedade brasileira, este projeto foi calculado de forma a não se chocar com os projetos republicanos.

A recuperação da influência da Igreja na sociedade capitalista passava pela atuação dos católicos em movimentos laicos, partidos, sindicatos, sem contar os movimentos romanticamente inspirados, como o culto ao Sagrado Coração. Esse projeto de expansão, antagônico à proposta liberal de organização da sociedade e do Estado, solicitou da Igreja uma plasticidade política nas relações com os governantes, numa postura nem sempre concordante, nem sempre opositora, mas alerta às brechas ocasionais capazes de favorecer seu objetivo [...] Proclamada a República, superadas as disputas que marcaram as relações entre a hierarquia católica e o poder temporal durante o império, a Igreja Católica passou por um período de redefinição em relação ao Estado, do qual resultou a conciliação. (MALATIAN, 2001:19-20)

Para isso colaborou com o Estado em vários aspectos que teoricamente deveriam ser seu papel como garantir as condições mínimas exigidas pela população que se organizava no novo regime político, onde apesar de continuar sendo manipulada, acreditava nas propostas deste ideal político que em seu escopo deveria garantir no mínimo os direitos fundamentais da sociedade em relação as suas necessidades básicas como, por exemplo, direito à expressão, ensino público, acesso à saúde, garantias trabalhistas entre outros direitos até então ignoradas no antigo regime. O catolicismo

passou a colaborar com o regime em boa parte do que deveria ser um dever do Estado republicano fazendo do assistencialismo uma muleta para o regime, principalmente junto aos operários. (BENCOSTTA, 1999:201-233)

[...] ações pastorais, administrativas e políticas de alguns membros da hierarquia católica no início do século XX demonstram que, antes da chamada restauração dos anos 20, tais líderes já vinham desempenhando importantes papéis nos governos de suas mitras, que seguramente podem ser interpretados como o prenúncio daquelas ações que conduziram a Igreja no sentido de atuar junto as elites políticas, afim de tornarem o Brasil uma nação plenamente católica em suas estruturas e leis. Exemplos de tais lideranças são os bispos: d. Duarte Leopoldo e Silva (São Paulo), [...], d. Joaquim Silvério de Souza (Diamantina) [...] d. João Becker (Porto Alegre), assim como, os bispos d. João Batista Correa Nery (Campinas), d. Francisco de Aquino Correa (Cuiabá), e o padre redentorista Julio Maria. Desconsiderar o papel que esses líderes tiveram no final do século XIX e início do século XX na condução dos rumos que a Igreja Católica determinou para a reconstrução de suas relações com os poderes civis, compromete a compreensão e significado da restauração implementada pela liderança católica [...] (BENCOSTTA, 1999:201-233)

As estratégias não foram as mesmas, a ideologia católica em relação a seus dogmas e moral não são negociáveis, mas foram adaptáveis às situações exigidas por diferentes situações políticas.

O catolicismo, portanto, assumia uma postura ambígua: se, por um lado denunciava os perigos morais da vida urbana, por outro, educava o clero dentro de alguns valores típicos da modernidade (AZZI, 2008:78). A igreja educava o clero dentro dos valores típicos da modernidade tentando elevar a formação intelectual do clero não porque naquele momento estava começando a acreditar que a modernidade seria um caminho irreversível, mas sim para não perder ainda mais sua influência na sociedade, e de certa forma, tentar se adequar a ela e manipulando o máximo que pudesse o ambiente onde estava se inserindo.

A expansão organizacional foi mais do que marcar presença física em um determinado território, ela também estava imbuída de ser mais ativa pastoralmente do que havia sido em um passado ainda recente onde o catolicismo foi totalmente, por

conveniência, submisso ao Estado por acreditar que sendo religião oficial do país seu espaço em âmbito privado estaria garantido automaticamente o que não se confirmou com a abertura proporcionada pelo novo regime.

[...] a sociedade brasileira passa a uma nova configuração; a vida urbana e o mundo operário oferecem um novo momento histórico e político. O avanço do liberalismo e da visão positivista caracteriza os pensamentos e ações em direção a nova realidade política social, distante da instituição católica. No mesmo período histórico ocorre o crescimento do protestantismo, do espiritismo, do socialismo e de novos valores sociais [...] estimulando os setores da Igreja Católica em busca de uma reação, oferecendo uma resposta ao novo contexto da sociedade brasileira. (CHRISPIM, 2009:107-120)

Dados estatísticos do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social, 2003), apontam para um quadro onde a organização eclesiástica desde a colônia acompanhou o deslocamento econômico e social do país fazendo o percurso norte-sul deste processo de ocupação e expansão dos interesses do Estado.

Com interesses distintos, após a Proclamação da República ao ser expurgada do “benefício” constitucional de 1924 de religião oficial do Estado o catolicismo teve que deixar sua cômoda situação para armar sua rede de relações de acordo com seus interesses, daí parte a iniciativa do episcopado de se reorganizar administrativamente com calculada previsão das necessidades, mais uma vez, não apenas pastoral, mas mais no intuito político-financeiro da Instituição.

### **Construção de um Príncipe!**

Foi um verdadeiro exercício emplacar um nome ao episcopado, o governo republicano abriu mão da prerrogativa utilizada pela monarquia, isso não quer dizer que não tentasse influenciar nas escolhas que pudessem de alguma forma favorecer a política do Estado,

Badaró representou o Brasil junto a Santa Sé de 1893 até 1898. Tentou intervir para o cancelamento da designação de João Esberard para o primeiro

arcebispo do Rio de Janeiro, em substituição a dom José da Silva Barros – mudança que não agradara ao governo brasileiro. Badaró não obteve êxito: a Secretaria de Estado recordou que Quintino Bocaiúva quando ministro das Relações Exteriores, abria mão de qualquer ingerência do Governo na indicação de Bispos. O governo brasileiro já antes tentara convencer a Santa Sé de que queria alterar essa determinação de Quintino no início da república. O ministro Justo Leite Chermont orientou o Visconde de Arinos, que ainda representava o Brasil junto a Santa Sé, para que dissesse ao secretário de Estado que o fato do Governo Brasileiro não intervir mais na nomeação dos bispos não impedia que se manifestasse de modo conveniente sobre o nome de um ou outro sacerdote que lhe satisfizesse. (Julio Maria) era muito considerado pelas autoridades do regime. Tanto que [...] 1889, é indicado pelo governo para bispo do Maranhão, o que a Cúria Romana recusa. (PINHEIRO, 2003:198)

Com o caminho livre as articulações a dança das cadeiras no episcopado foi uma arma utilizada pelos bispos mais antigos que buscavam disseminar sua influência indicando seus pupilos para as dioceses vacantes. O Cardeal Arcoverde não poupou esforços nem tinta para empossar seu conhecido e ex-pároco de Santa Cecília na diocese paulistana, Cônego Duarte, que estava na diocese de Curitiba quando a diocese de São Paulo ficou vacante. Entre conselhos e conflitos pessoais o Cardeal foi forjando um novo “príncipe”. As correspondências diretas ou indiretas foram sendo bastante freqüente o intuito era elevar o do cabido de Curitiba ao episcopado cônego Duarte,

Rio de Janeiro, 26 de março de 1903 – RESERVADA

Caríssimo Cônego Duarte

meus cumprimentos por ordem do sr. Arcebispo escrevo esta cartinha

O Sr. Arcebispo manda dizer a você que indague ahi quando deverá ir por lá o Exmo. senhor núncio apostólico; então, uns dois dias antes de partir daqui o sr. núncio você apareça cá, manda dizer o sr. Arcebispo, e voltará daqui no mesmo carro do sr. núncio. Compre, portanto só passagem de vinda.

Peço dar muitas saudades a vosso povo todo [...] e dispor como sempre de quem se presa de ser aqui amigo sincero e irmão em Xto.

Monsenhor Moura Guimarães.

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

O cardeal Arcoverde, que já fora bispo da diocese de São Paulo no mesmo período em que cónego Duarte havia sido pároco na igreja de Santa Cecília provavelmente conhecia a capacidade político administrativa do cónego, e assim preconizava sua elevação ao episcopado nacional. Provavelmente deveria ver no cónego alguém capaz de articular uma convivência amistosa com as autoridades civis como ele o era, pelo menos é o que se denota pelas correspondências entre os governos civis e eclesiásticos à sua época na diocese paulistana.

Secretaria D'Estado dos Negócios do Interior

S. Paulo 1 de maio de 1896

1º. Secção n. 291

Ao Exmo. e revmo. Sr. Bispo Diocesano

Tenho a honra de participar a V. Exa. Revma. Que na presente data, perante o Sr. Dr. Presidente do estado, prestei o compromisso legal e assumi o exercício de cargo de secretario de Estado dos Negócios de Interior para a qual fui nomeado por acto da mesma data.

Apresento a V. Exa. Revma. Os meus protestos de elevada estima e distincta consideração.

Saúde e fraternidade

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

A carta assinada pelo Secretário de Negócios do Interior foi respondida pelo bispo Arcoverde com a mesma cordialidade que lhe havia dispensado o Secretário.

S. Paulo, 6 de maio de 1896.

Ilmo. e Exmo. Senhor

Accusando o recebimento do officio de V. Exa. em que me comunica ter no dia 1º. Do corrente mês, prestado o compromisso legal e assumido o exercício do cargo de secretario do estado dos negócios do interior para o qual foi nomeado por acto da mesma data, cordialmente agradeço a V. Exa. essa gentileza e congratulo me com o estado de S. Paulo por ter a testa de uma parte de seus negócios um funcionário de tanta capacidade e de tão esclarecido zelo. Apresento a v. exa. os protestos de meu elevado apreço e distincta consideração.

Deus guarde a v. Exa. [assina]

Ilmo. E Exma. Sr. Dr. Antonio Dino Bueno

D.D. Secretario de Estado dos Negócios do Interior.

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

O cardeal continua a se articular para encaminhar bem seu pupilo ao episcopado brasileiro, cónego Duarte por sua vez parecia aflito com alguma demora na sua indicação ao episcopado e recorre ao seu padrinho que lhe tranqüiliza e aconselha,

Meu caro e revmo. Cónego Duarte

Recebi sua preciosa carta de 3 deste corrente. Não há absolutamente mudança em minhas relações para com V. Rvma. nem por sombra podia assaltar-lhe semelhante desconfiança; pelo contrario aqui me tem sempre disposto a prestar-lhe todos os auxílios de q. possa precisar e eu lhe puder prestar. Teria desejado vel-o no Rio Grande do sul, para onde o indiquei, mas a S.Sé, tendo seu nome sido incluído também nas propostas para o Paraná mandou designadamente que o señor núncio incluísse seu nome como sucessor do señor bispo D. José em Corytiba. Parece-me ver nisso um traço da Divina Providencia, e por conseguinte estou satisfeito. O monsenhor Moura disse me que V. Rvma. estava com desejo de ir sagrar-se em Roma e perguntava meu parecer. Creio que elle lhe mandou [e] disse meu parecer. Nada mais vantajoso para um bispo do que ir sagrar-se em Roma, ahi pode conhecer o S. Padre e dizer-lhe seus receios, seus temores, seus abatimentos; é de maximo interesse receber do S. Padre um conselho, uma benção, uma palavra de conforto, alem disto vae conhecer o Cardeal Secretario de estado com quem há de estabelecer relações a respeito a diocese, não conhecer o secretario da congregação dos negócios ecclesiasticos extraordinários por onde correm os negócios attinentes as nossas dioceses; em fim receber em Roma a sagração episcopal é adquirir uma certa predisposição para enfrentar as grandes difficuldades ineherentes ao episcopado no Brasil e para abençoar os immensos sacrificios que se offerecem ao bispo brasileiro no cumprimento de seus deveres. Tudo se consegue indo a Roma. Todos os que me ouviram foram a Roma receber sua sagração, não tenho lhe escripto por falta de tempo, mas escreva me que estou disposto a dizer-lhe tudo quanto julgar que me deva perguntar. Agora não convem vir ao rio por causa do calor que tem sido excessivo.

Adeus irmão amado. 6 – XII – 03 + Joaquim arcebispo do Rio

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

A parte financeira foi uma constante nas discussões do episcopado brasileiro deste período, apesar das dificuldades de equilibrar as contas da instituição no Brasil Roma também contava com suas fontes de renda que na correspondência abaixo nos mostra uma das delas,

Meu bom e caro cônego Duarte

Estive realmente ausente desta cidade alguns três dias, fui a Friburgo.

Escreva-me com franqueza e desassombradamente sobre o que precisar com gosto recebi suas consultas e lhe responderei com a possível brevidade.

Esteja tranqüilo desde que deseja ir a Roma, então tirará as Bullas, e ahi pedirá ao eminentíssimo Card. Secretario uma diminuição de taxa sobre as bullas. Eu o recomendarei ao meu agente de negócios em Roma e o instruirei a respeito de tudo. Assim, pois, pague todas as suas dividas ahi, mas dê pressa a isso, pois o senhor bispo D. José já foi preconizado em consistório; de modo que o seu processo já pode ser iniciado por esse processo que tem que dar ao señor núncio 500\$000 compreendido uma parte que toca ao auditor. Tudo o mais reserve para Roma. Logo que o processo for enviado comece a preparar-se para seguir, um mês depois de ter seguido o processo poderá V. Rvma. por se em caminho.

Adeus e coragem irmão affo. R amado.

29 – XII – 03 + Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

As coisas deveriam estar um pouco confusas em Curitiba, afinal não é tarefa fácil lidar com a vaidade das pessoas, para que tudo transcorresse bem não deveria haver descontentamentos,

Carmo. Anto. Cônego Duarte

Escrevi-lhe há poucos dias dizendo-lhe que podia demorar-se ahi e ir por si mesmo tirar em Roma suas Bullas ou Breve de bispo capitular. Peço-lhe que insista com Maximiliano em meu nome i que aceite a parochia de S. Cecília, diga-lhe que é uma pessoa da estima que elle diz ter-me. Devo comunicar-lhe, em reserva, que pessoalmente em fins de fevereiro o Sr. D. José não estará ahi, e nesta hypothese o monsenhor vigário capitular nomeiaria o p. Maximiliano a seu pedido? Isto é preciso prevenir ahi não vejo quem o possa substituir melhor do que o p. Maximiliano; convém segura-lo. Si de nenhum modo elle quizer diga-lhe que venha para cá que eu terei ai meu caso de dar-lhe ai uma cadeira no meu seminário. Faça-me este

serviço. Si o Maximiliano não quizer ficar ahi como seu sucessor que venha para cá. Fico aqui por não ter mais tempo hoje e querer que hoje mesmo siga esta carta.

Seu irmão e amº affº + Joaquim Arcebispo do Rio de Janeiro.

30 de dezembro de 1903.

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

Nem tudo corria de acordo com a “santa paz” nos bastidores da instituição,

RESERVADA

Meu Caro Cônego Duarte

Não se deixe envolver pela onda da ambição? Que quer arrebatar essa mimosa parochia. V. Revma. pode ahi conservar-se ate que receba comunicado official de que foi preconizado em consistório. Não há preconização por Breve, o Breve nomeia diretamente e não preconiza; nesta hypothese só quando lhe for passado o Breve e V. Revma. o receber é que fica desligado da parochia e do canonicato.

Nada de telegramas V.Revma. não tem essas pressas nem dinheiro para estar gastando com telegramas. O exmo. Sr. Núncio já enviou o processo? Já fez o que lhe pertencia fazer; o mais é com V. Revmo. O sr. Núncio não precisa de telegramas para mais nada. Em fim, é preciso que v. revma. comece a dar por si alguns passos.

Escreva uma carta em bom e intelligivel portuguez ao revmo. P. Luiz Cappelio, reitor do collegio Pio latino Americano, pedindo-lhe o obsequio de indicar na secretaria dos negócios ecclesiasticos extraordinários si sua nomeação de bispo de Corytiba será feita por breve o si o S. Padre quer esperar o consistório para preconiza-lo e mandar então passar as Bullas? E peça ao revmo. Reitor que lhe responda por carta. Nada de tellegramas que não adiantam cousa nenhuma e trazem despesas inúteis. O endereço do reitor é: Collegio pio Latino Americano – via Gioacchino Belli 3 Italia – Roma.

Mande dentro de sua carta este meu cartão.

Irmão amº affº. 9.I.04 + Joaquim, Arcebispo do Rio

P.S. segundo a resposta do revmo. Reitor, v. revma. se porá em viagem ou espera ainda.

(ACMSP. Doc. Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva)

O cônego Duarte foi alçado a “principe da igreja” aos 37 anos de idade e indicado bispo de Curitiba em 10 maio de 1904. Sua sagração deu-se no Colégio Pio

Latino Americano, Roma, no dia 22 de maio de 1904, sendo sagrante principal o cardeal D. Rafael Merry del Val y Zulueta, D. Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana foi um dos sagrantes. Tomou posse da diocese no dia 2 de outubro de 1904, sua diocese ainda compreendia todo o território de Santa Catarina. Entretanto sua permanência em Curitiba não foi longa, após dois anos, no dia 18 de dezembro de 1906 foi indicado para assumir a diocese de São Paulo onde permaneceu por longos trinta anos.

### **Palacio Novo para o príncipe**

O catolicismo estava se reorganizando institucionalmente durante toda republica velha, suas finanças eram uma das principais preocupações do episcopado, no entanto, a elite eclesiástica sempre que possível não descuidava de seus interesses mundanos. Talvez para manter uma boa impressão nos adversários políticos de que apesar de afastados do jogo partidário continuavam muito bem obrigado! Para isto não perdiam de vista a possibilidade de reivindicar para si benefícios concedidos no passado a pessoas da sociedade. Com jeito e habilidade política conseguiam persuadir aliados que desejassem desfrutar da visibilidade que o catolicismo ainda poderia dar.

S Paulo, 19 out 1907

Ainda não esta decidido o assentamento do Palacio Velho e, portanto, continua também indecisa a aquisição de nosso Palacio. Continuam a interessar-se muito por este negocio: Conde de Prates, Dr João Antonio, Dr. Adolpho Pinto. Esses tão bons e dedicados patronos, si o negocio não se realizar é porque Deus não quer e portanto...

S Paulo, 9 de outubro de 1907

Em companhia dos Sres. Conde de Prates, Dr Adolpho Pinto e Dr João Antonio, visitei a casa da Baronesa de Piracicaba que se pretende adquirir para Palacio Episcopal, é um verdadeiro solar, nobre e austero, bastante vasto e bem conservado, tendo ainda acomodações suficientes para as repartições ecclesiasticas. Esta questão de Palacio tem me preocupado bastante, parece conveniente que S Paulo, brevemente Archidiocese, tenha um palácio digno para o bispo, pois o que existe é uma sepultura, velho, estragado, sem ar, sem luz, frio, humido, sem acomodações, mas... não será uma imprudência contrahir compromissos por amor do Bispado? Não será principalmente contrario ao espírito de modéstia e pobreza? Que effeito produzirá no [...] e seus fieis? Para mim é insignificante um grande palácio ou uma residência

modesta, um tanto que tenha um bom quintal, que seja arejada e sadia confio a questão a S José e aceito desde já qualquer solução como tudo depende do arrendamento do palácio velho esperamos tranquillo que Deus se manifeste. (ACMSP. Doc. Avulsos, Diário Pessoal de Duarte Leopoldo e Silva)

Chegando a São Paulo D. Duarte tratou de alguns interesses “urgentes” para viabilizar sua administração na diocese paulistana. Entre seus interesses estava o de providenciar uma moradia “digna” para se instalar decentemente. Para isto articulou-se com pessoas da sociedade paulista que poderiam lhe ajudar neste intento, como por exemplo, o conde de Prates, milionário e grande patrono da igreja.

Em 1910, D. Duarte mudou-se do antigo Palacio Episcopal, então instalado no Solar da Marquesa de Santos, para o Palácio São Luis. O conde de Prates e sua esposa foram bastante solícitos com as necessidades da igreja ajudando D. Duarte a livrar-se do “fardo” de habitar no decadente solar da marquesa de Santos. Pudera, os Prates haviam recebido do Papa Leão XIII o titulo nobiliarquico que ostentavam.<sup>1</sup>

As articulações políticas da hierarquia eclesiástica no Brasil para reorganizar o catolicismo foram bastante intensas durante a República Velha este período de reorganização durou praticamente de 1890 a 1920, estudos acadêmicos sobre este período demonstram que os bispos mais antigos não poupavam esforços para indicar e de certa forma manter certa ascendência política sobre seus protegidos. De 1920 a 1930 a historiografia sobre o catolicismo aponta a reaproximação mais efetiva entre a Igreja e o Estado republicano. Houve de inicio um estranhamento entre as duas instituições historicamente aliadas no Brasil que foi sendo superado gradativamente.

Acredito que na mesma proporção em que o catolicismo conseguia se reorganizar, o conflito na política republicana foi se avolumando. Como escreveu Boris Fausto, enquanto a igreja foi se organizando durante a República Velha o Estado foi se desintegrando nas disputas dentro dos próprios grupos partidários.

Mudou-se o regime político, alguns atores importantes neste processo históricos foram naturalmente cedendo espaço a novos personagens. Com habilidade política milenar o catolicismo às vezes resiliente as propostas republicanas, às vezes

---

<sup>1</sup> (AGB I, 217). Obs.: Neto materno do Barão de Antonina e sogro do Barão de Itapetininga (a sogra foi depois Baronesa de Tatuí); um dos filhos casou-se com neta materna do Conde do Pinhal (títulos brasileiros). **Notas:** Dados genealógicos: Dicionário das Famílias Brasileiras, Tomo I, vol. II, 1999 - verbete: Prates.

intransigentes as ameaças que presentia no ar conseguiu com uma plasticidade reservada apenas aos grandes atores da história preservar seu espaço no tabuleiro político brasileiro, muitas vezes a tática do catolicismo é feita nos bastidores para continuar disseminando sua política,

Tem-se dicto que o clero de hoje já não vibra, como o de hontem, nos estos do patriotismo, abandonando, sem compensações, o posto de honra que elle tanto soube dignificar e que a elle mesmo tanto o dignificou. Tem-se dicto que, recolhido – e ainda bem – ao piedoso remanso da sacristia, já não ouve o clero brasileiro o entrechocar das luctas em que se resolvem os problemas nacionaes [...] Não é verdade. Mudados os tempos e as circumstancias, amenizados os costumes, disseminadas as luzes da instrucção pública até então escassa e deficiente, o clero brasileiro mudou apenas de tática, sem desertar do seu posto de honra e de sacrificio. No cumprimento dos seus deveres sacerdotaes, espancando as trevas da ignorância, illuminando consciencias mal formadas [...] A proclamação da Republica foi para o clero o toque de retirada das arraias política, e a retirada se fez em perfeita ordem [...]. (LEOPOLDO: 1923:36-37)

## **BIBLIOGRAFIA**

ACMSP. Documentos Avulsos: Correspondências de D. Duarte Leopoldo e Silva.

ACMSP. Documentos Avulsos: Diário Pessoal de Duarte Leopoldo e Silva.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida: Santuário, 2008.

BENCOSTTA, Marcus Levi Albino. **Igreja e Poder em São Paulo: D. João Batista Correa Nery e a Romanização do Catolicismo Brasileiro (1908-1920)**. Tese de Doutorado FFLCH-USP, 1999.

CHRISPIM, Airton de Souza. Intelectuais católicos no século XX: os mais ativos no Brasil. **Cadernos de Pós-Graduação – Educação**, São Paulo, v. 8, p. 107-120, 2009.

Dicionário das Famílias Brasileiras, Tomo I, vol. II, 1999.

GOMES, Edgar da Silva. **A dança dos poderes**. São Paulo: D'Escrever, 2009.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. **il gatoppardo**. Milano: Feltrinelli, 1959.

LUSTOSA, Oscar Figueiredo. **A igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MALATIAN, Teresa. **Império e Missão: um novo monarquismo brasileiro**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2001.

MANOEL, Ivan Aparecido. **O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: UEM, 2004.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

PINHEIRO, Alceste. **O Cardeal Arcoverde e a Reorganização Eclesiástica**. Tese de doutorado FFLCH-USP, 2003.

SAES, Décio. **Classe media e política na primeira república brasileira (1889-1930)**. Petrópolis: Vozes, 1975.

SILVA, Duarte Leopoldo e. **O Clero e a Independência: Conferências Patrióticas**. Rio de Janeiro, Editores: Centro D. Vital, Alvaro Pinto – Anuario do Brasil, 1923.